

IV SIMPÓSIO BRASILEIRO SOBRE
MATERNIDADE E CIÊNCIA - 2024

“O PARENT IN SCIENCE ATRAPALHA MUITO”.

Ivana O E S Moura

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, mouraivana@aluno.puc-rio.br

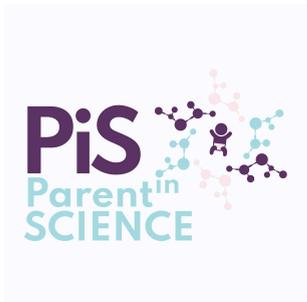
Propósito

Esse trabalho tem o propósito de analisar, sob a perspectiva Bourdieusiana, os ataques proferidos pelo presidente do CNPq ao movimento Parent In Science (PIS).

No dia 31 de janeiro tornou-se pública a Nota de Repúdio do PIS contra as falas do presidente do CNPq, o Senhor Ricardo Galvão. A Nota revela trecho da fala onde o presidente afirma que o PIS “atrapalhava muito”, se referindo a um suposto volume de ações sobre políticas afirmativas que avaliassem de forma diferente cientistas mulheres e homens. Mas afinal, porque Ricardo Galvão, um homem que tem total acesso à informação, cometeu tal ataque ao movimento?! Porque o Parent in Science “atrapalha” ao propor políticas afirmativas baseadas em equidade de gênero? Seria esse ataque pessoal ou parte um modo de operação estruturado culturalmente em nossa sociedade?

Na perspectiva Bourdieusiana a violência simbólica é uma forma de manutenção do status quo. Segundo Bourdieu (2004, p.9;10) os ‘sistemas simbólicos’ atuam como “instrumentos de conhecimento e de comunicação” e só podem “exercer um poder estruturante porque são estruturados, sendo assim os símbolos “instrumentos por excelência da integração social” tornando possível o “consensus acerca do sentido do mundo social”. O autor afirma que esse sistema de símbolos contribui diretamente para a reprodução da ordem social.

Homens brancos hegemonicamente detém o poder dentro da academia -e não só - sendo eles os atores que concentram grande capital simbólico e poder simbólico nessas instituições. Na sociedade, como um todo, a mulher mãe não é entendida como ‘ser completo’, que tem seus direitos públicos e privados respeitados. A mulher mãe quiçá é lida



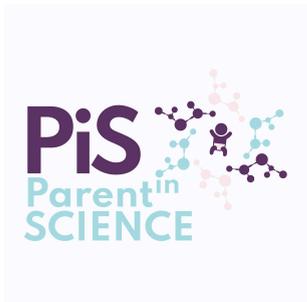
como ser humano, a ela são atribuídas figuras santas ou figuras desprezíveis a depender se atendem ou não o que socialmente lhes fora designados como símbolos, signos e estereótipos maternos (Moura; Silva, 2024). Nessa perspectiva “a boa mãe se doa integralmente a sua cria” sendo assim, subtraída de desejos e conquistas pessoais e nessa visão o direito à educação seria preterido.

A universidade, espaço historicamente masculino, não foi pensada para a mulher, muito menos para a mãe, porém esse grupo chegou a esse espaço, e luta pela sua permanência em um campo desigual de disputa. Bourdieu e Champagne (2001) revelam que são excluídos do interior aqueles grupos que são historicamente vulneráveis, oprimidos, privados, invisibilizados. Dentro do universo universitário a violência simbólica imprimida na estrutura física das instituições, no seu habitus (Bourdieu e Passeron, 2014) e em seus regramentos, é usada como ferramenta de disputa - que na percepção da autora deste trabalho são usadas como ferramentas de guerra - de um espaço que é cada vez mais feminino e materno, mas que não facilita e nem propõe ações e políticas que entendam a especificidade desse grupo. Nesse campo inclui-se as instituições que fomentam a ciência no Brasil, O CNPq, por esse ângulo analítico, não estaria dissociado disso.

À maternidade, cooptada pelo pátrio-capitalismo (Moura; Silva, 2024), não haveria outra finalidade a não ser servir ao regime, que uma vez “ameaçado”, seja pela ascensão feminino materna, ou pela “perda” de capital social/simbólico e Poder simbólico, não hesitaria em partir para retaliação. Esse regime, representado e materializado no discurso de Ricardo Galvão e no comportamento do CNPq frente às demandas das mães cientistas de todo o Brasil, reflete o pânico-pavor que os detentores do poder simbólico têm da insurgência dos grupos subalternizados, lido aqui como o Movimento Materno PSI.

Revisão da literatura

Revisando Bourdieu e Passeron (2014) observamos que os conceitos de violência simbólica versa sobre os mecanismos de reprodução social que impõe e perpetuam valores



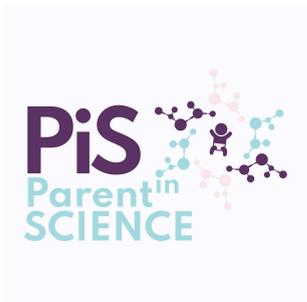
culturais estabelecidos com o objetivo de legitimar a naturalizar a cultura dominante, o que levaria grupos dominados a internalizar a violência, de forma que os mesmos não tenham capacidade de se opor, desprovendo esse grupo de suas potencialidades e fazendo com que olhem para si como vítima, romper com essa lógica seria entrar em disputa direta com o sistema hegemônico (grifo da autora). Já o poder simbólico (Bourdieu, 2004), que atua como uma “poder invisível”, “só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou que o exercem”.

Na perspectiva do “excluído do interior” Bourdieu e Champagne (2001) observa o uso da violência e poder simbólico dentro dos sistemas de ensino. Tanto a escola quanto o meio acadêmico estão chafurdados em práticas de reprodução sistêmicas, que são estruturais e estruturantes, e atuam de forma a garantir a hegemonia de poder ao garantir que as reproduções dessas violências demarquem as relações sociais, determinando hierarquias e marcando nos grupos historicamente excluídos uma rotina de dificuldades e permanente luta por permanência.

Para Moura e Silva (2024) a maternidade, no que tange a sociedade moderna, é um marcador de diferença das relações sociais. Como abordam as autoras, com a estrutura da criação dos sistemas de opressão, que por base se beneficiam da exploração reprodutiva e laboral das mulheres, e na cisão público/privado o lugar social da mãe ficou restrito ao privado, sendo, dessa forma, a insurgência desse grupo em espaços de hegemonia masculina, em espaços públicos, uma “desordem da ordem” pré-estabelecida, reproduzidas e naturalizada de um fazer social pátrio-capitalista.

Procedimentos metodológicos

A autora utiliza o método de revisão bibliográfica e de levantamento de dados em ambiente virtual para realização deste estudo. O levantamento de obras literárias que abordam a complexidade das relações de poder partir das contribuições de Bourdieu (2004), Bourdieu e Passeron (2014), Bourdieu e Champagne (2001) e da maternidade como marcador



das relações sociais de sexo (Moura; Silva, 2024) possibilitou uma visão geral das reproduções de violências pela perspectiva feminista.

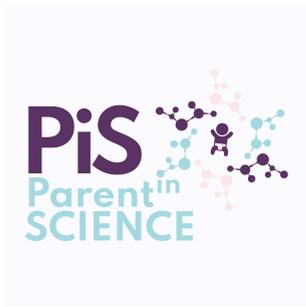
O levantamento de dados em ambiente virtual ou nas mídias digitais possibilitou uma abordagem dos fatos, que foram amplamente divulgados e compartilhados nas redes sociais dos atores desse estudo.

Resultados

Esse estudo não tem foco individual no comportamento de Ricardo Galvão frente ao PIS, visto que, devido à grande repercussão do caso, o próprio Ricardo Galvão convidou o PIS para um diálogo construtivo. Dessa forma, focamos nos desdobramentos desse caso como exemplo para o entendimento de como se dão as violências e as reproduções em um campo que nos permite visualizar através do micro as estruturas do macro.

Mesmo com a superação no acesso ao ensino superior, a inserção feminina na esfera da ciência e da docência acadêmica e a vasta contribuição desse grupo na produção científica, muitos desafios ainda se colocam no caminho das mulheres mães e esses desafios se dão pelo intenso campo de disputa entre o grupo que detém o poder e as mulheres.

O Parent in Science tem se posto como grande vanguardista dos debates sobre a maternidade científica, sobre a condição das cientistas no Brasil e sobre políticas afirmativas que pensem a parentalidade como proposta do resgate desse grupo - mães estudantes/pesquisadoras/cientistas - da invisibilidade. Falar da importância do trabalho do PIS e do que isso representa aos olhos daqueles que sustentam as bases de um sistema patriarcalista e rompe com milênios de subjugação, subalternidade e de múltiplos símbolos e signos que coadunam com as reproduções de violência simbólica contra a mulher mãe.



IV SIMPÓSIO BRASILEIRO SOBRE
MATERNIDADE E CIÊNCIA - 2024

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. (2004). *Poder simbólico*. Tradução Fernando Tomaz (português de Portugal), 7º edição, Rio e Janeiro, Bertrand Brasil.

BOURDIEU, Pierre; CHAMPAGNE, Patrick. (2001). *Os excluídos do interior*. In: *A miséria do mundo*. Pp 481-486. RJ, Petrópolis, Ed. Vozes.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. (2014). *A reprodução: elementos para uma teoria do Sistema de ensino*. 7º edição. Petrópolis, Rio de Janeiro.

MOURA, I. de O. E. de S.; SILVA, J. M. S. (2024). *Maternidade como marcador da diferença nas relações sociais*. v. 16, n. 4, p. 54–64, Revista Mosaico - Revista de História, Goiânia, Brasil. DOI: 10.18224/mos.v16i4.13536. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/13536>. Acesso em: 11 mar. 2024.